

## Destino e fatalidade

Rui Mourão

Há anos trabalhando em Ouro Preto, ultimamente tenho meditado sobre essa experiência, desejoso de precisar de que forma e em quem momento passei a identificar-me com a cidade - a respirar com franqueza o penetrante ar dos seus dias nublados, a encarar nos olhos as pessoas pelas ruas - sentindo-me tão confortável, dentro da moldura de montanhas, como se houvesse conquistado uma segunda terra.

Essa experiência de aceitação e entrega não foi nada que aconteceu sem preparação. Ainda na fase das calças curtas, quando a família ia a visita ao avô Juiz de Direito, que possuía escritório repleto de livros em estantes envidraçadas, tive a revelação do centro urbano colonial constituído por Tiradentes. Mais tarde, estudante em São João Del Rei, chegaria a desenvolver convivência mais íntima e demorada com o mesmo padrão de cidade de casas cobertas por telhas de canal, longos beirais protetores, estreitas ruas inventivas, inesperados becos tortuosos. Desta forma, a primeira sensação experimentada ao pisar o solo da antiga capital de Minas Gerais seria a do despertar de esquecidas emoções longamente recalçadas. O que se deu num dia repleto de experiências: fazendo parte da comitiva do governador Bias Fortes que se deslocara para o interior para presidir a solenidade do 21 de Abril, me surgiu a

oportunidade, na varanda do Grande Hotel, de apertar a mão da poeta Cecília Meireles.

Mas aquela conquista de um território que estava fadado a ser, no futuro, componente definitivo da minha visão de mundo, não seria obra de um repente. Havendo deixado nos anos 70, por imposição da ditadura militar, a editoria do Suplemento Literário do *Minas Gerais*, acabei admitido na Fundação de Arte de Ouro Preto por Murilo Rubião, que resolvera estender a mão a um amigo e companheiro das letras. Com mais de duzentos outros professores, eu me demitira da Universidade de Brasília em protesto contra as arbitrariedades políticas ali praticadas, crime tão execrável que, além de afastar-me do comando de publicação onde apenas cuidávamos de cultura, me impediria de retornar a cargo permanente na Secretaria de Administração do Estado, devido a auto-proteção de secretários de estado ciosos de manter distância dos condenados pelo poder dos quartéis.

A entidade presidida pelo contista de *Ex-Mágico* possuía escritório em Belo Horizonte. Na qualidade de diretor executivo, função exercida principalmente no Edifício Pio XII, à Rua Espírito Santo, uma vez por semana me deslocava para Ouro Preto. Ia supervisionar as atividades do curso de restauração de Jair Afonso Inácio e da Escola de Arte, formada em torno da

gravadora Anamelia e seu marido, pintor Nello Nuno. Minha tarefa maior daquela fase, fazer reerguer da quase ruína o prédio do antigo Colégio Mineiro, que deveria ficar nas condições em que ainda hoje se encontra, como sede da Fundação.

Ao chegar o convite para dirigir o Museu da Inconfidência, surgia a oportunidade para o mergulho verdadeiro no universo das tradições ouro-pretanas, até àquela altura só entrevisto de fora, na verdade mal compreendido. Entreguei-me de corpo inteiro à aventura de tentar salvar a instituição pertencente ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que se achava no abandono, não por incúria dos seus dirigentes, mas por fatalidade histórica que a desfavoreceu. Minha mulher e filhos possuindo compromissos funcionais e escolares em Belo Horizonte, não tive condições de pensar em mudança de domicílio. Dei início ao programa de vida que venho cumprindo até hoje, de passar os dias em Ouro Preto e as noites em Belo Horizonte. Essa experiência de anfíbio, que me leva a conviver em duas praças - a participar de programas diversificados, a me dispersar em emoções desencontradas - nunca me pesou. Longe de pensar que a aventura humana deva se resolver por um comprometimento de dedicação segmentada e exclusivista, antes defendendo que a mais séria e conseqüente abordagem da realidade deva sempre contemplar a complementação, a interpenetração cumulativa, jamais desprezei a oportunidade que a duplicidade de interesses e solicitações colocou a minha disposição.

A contribuição que tenho dado a Ouro Preto é decorrência do cumprimento dos meus deveres funcionais, procedo com empenho e dedicação. Talvez pudesse ser melhor se a situação do país fosse outra. O enriquecimento que a cidade tem me proporcionado é algo de valor inestimável. Ela me levou à descoberta efetiva da minha condição de mineiro.

Mais do que em qualquer outro lugar, naquelas paragens se encontra a fonte mais pura dessa virtude. À sombra do Itacolomi, acabei por me descobrir como um homem novo, nova sensibilidade. Ouro Preto ensinou-me a compreender o Brasil - a mim que

vinha de militância literária em defesa de uma arte de vinculação nacional, mas me perdia em artificialismos de uma procura em excesso intelectualista. No ambiente generoso que me acolhia, consegui de fato pisar no chão, libertar-me de tudo o que em mim era apenas um jogo, atitude e intenção - não era palavra insubstituível, emoção profunda, fatalidade. Cheguei à terra dos inconfidentes como escritor e no momento certo de aprender. E não tive constrangimento em me servir sem reservas da riqueza que generosamente era colocada à minha disposição. Cresci forte e saudável, porque em toda a minha vida nunca pretendi outra coisa que não fosse o aprimoramento intelectual.

Comecei pela rama, escrevendo sobre o Museu da Inconfidência. Tentava entendê-lo como estrutura, conhecer seu acervo, desvendar sua significação. Percebi que estava indo ao encontro da linguagem adequada para falar da cultura acumulada na cidade, ao descrever a aventura do célebre intelectual Francisco Curt Lange, alemão por aqui surgido como fugitivo da guerra que, de 1914 a 1918, destroçara o seu país, conduzindo-o à bancarrota econômica. Adotando a América como segunda pátria e o Brasil como campo privilegiado de suas pesquisas musicológicas, ele trouxera à tona o passado de um século de criatividade que, por estranho processo de desmemória, tínhamos votado ao mais completo esquecimento.

Passei a pisar em profundidade quando resolvi encarar Ouro Preto como um todo, pretendendo esboçar o seu retrato de corpo inteiro. Em conseqüência, o que emergiu em primeiro plano foi Vila Rica e seus antigos moradores às voltas com o cortejo dos acontecimentos de que participaram, os padecimentos que sofreram, as glórias que conquistaram. Percebi naquela circunstância que Ouro Preto só é presente enquanto passado. É passado que está permanentemente construindo o presente. Escrevi o romance *Boca de Chafariz*, uma estória de renascimento. Renascimento da cidade-monumento contra todos os fatores que tramam a sua degradação, destruição e morte. Renascimento do escritor que, deixando para trás um passado de criatividade que nunca o desonrou, desejava se comprometer, noutro plano, com um presente de mais

conseqüente renovação, de ambição de maior perenidade.

Ouro Preto proporcionou-me talvez a aventura limite da minha carreira intelectual. Por isso eu a enxergo sempre com olhar de encantamento. Ela tornou-se o meu ambiente natural. O título de Cidadão Honorário que a Câmara Municipal recentemente me concedeu só veio tornar oficial essa relação, pois há muito a considero em pé de igualdade com outro núcleo urbano que marcou o meu destino, então do oeste de Minas, Bambuí, terra dos ancestrais de meu pai, de rica tradição semi-rural, semi-citadina, local do meu nascimento.

Publicado *Boca de Chafariz*, como se resolvesse praticar nova reviravolta em meu projeto narrativo, em *Servidão em Família e Invasões do Carrossel* retomei os temas da atualidade e dos grandes

conglomerados urbanos. Isso se deu em parte porque os editores, no primeiro momento, demonstraram total incompreensão com relação à narrativa ouropretana que, uma vez entregue ao público, alcançaria a maior repercussão, seria considerada o lançamento do ano e conquistaria prêmios, um fora do país. Mas eu mesmo me coloquei de pé atrás, sem ânimo para atender a instigação de muitos que entendiam, o autor de *Boca de Chafariz* estava na obrigação de insistir na abordagem da cidade histórica. Minha resistência vinha do temor de me tornar repetitivo, quer dizer, um diluidor da minha própria obra. Hoje já enxergo perspectiva diferente, que talvez possa, sem o temido risco, levar-me a nova aventura na área que, por cerca de dez anos, deixei abandonada.

